MATIAS LIMA
DO INSTITUTO DE COIMBRA

PENUMBRA

LIVRARIA LATINA EDITORA
2, SANTA CATARINA, 10
PÔRTO
1 9 4 2

BARCELOS
134.3-1Lima,Ma

A Antônio Silva,
numa homenagem ao
seu belo espírito de
Artista,
of.

PENUMBRA

[illegible]

DO AUTOR

VERSO:

Canções, 1904 (esgotado).

Flores do Monte, 1906 (esgotado).

Sol do Coração, 1914 (esgotado).

Pela Pátria!, 1916 (esgotado).

Vergel Florido, 1917.

Medalhões Nacionais, 1918 (esgotado).

Luar de Sonho, 1922.

Raça Heróica, 1923 (esgotado).

Alma Dispersa, 1926.

Dor Eterna, 1932 (fora do mercado).

Gerez, 1939.

Penumbra, *1942*.

PROSA:

A Vida e o Amor, 1921.

Super-Libros Portugueses Inéditos, 1927.

A Encadernação em Portugal, 1933.

C.M.B.
Biblioteca

MATIAS LIMA
DO INSTITUTO DE COIMBRA

PENUMBRA

C.S.2.4.12
C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº 5198
Barcelinos
Penm.

LIVRARIA LATINA EDITORA
2, SANTA CATARINA, 10
PÔRTO
1 9 4 2

0073

Composto e impresso nas Grandes Oficinas Gráficas "Minerva"
de Gaspar Pinto de Sousa, Suc.es, Ld.a — V. N. de Famalicão, 1942

Rien
sans
amour
Ex-Libris

À MEMÓRIA

DE

MINHA MÃE

Nos fundos crepes com que a lira cubro
eu sinto o coração despedaçar-se;
pobre outono de vida o meu outubro,
com o sol, que eras tu, todo a apagar-se!

Meu peito em chaga, macerado e rubro,
não pode a dor tão grande resignar-se;
e eu olho o céu a ver se te descubro,
pois tal santa é só lá que deve achar-se...

Jamais te encontro, doce mãe! que importa?
sinto que me sorris, que não és morta,
vejo-te o rosto, escuto a voz bendita...

Ao clarão milagroso da saüdade
teu vulto surge, cheio de bondade,
e ganha alento, vida — ressuscita!

I

PENUMBRA

PRELÚDIO

PERDIDO o belo sol da mocidade,
que, de tão longe, ainda nos deslumbra,
resta apenas o canto da saüdade,
a erguer-se, triste, em tardes de penumbra...

Na vida incerta, que apressada corre,
fulge, às vezes, um riso enganador...
Mas êsse riso nuns segundos morre
brutalmente abafado pela dor!

Olha-se à nossa volta, e o que se vê?
Lutos e prantos! E a alma, em desalento,
inquire, a soluçar: — viver pra quê,
se tudo é desengano e sofrimento?

Na dor da vida, na ventura morta,
nas chamas que do mundo se levantam,
só a Arte nos ampara e nos conforta.
— Por isso é que os poetas ainda cantam!

O RIO E A SAÜDADE

É vê-lo aqui, em fala que mal soa,
entre amorosas árvores que o somem.
Rio menino, — como tal o tomem! —
como menino corre cego, à toa...

Léguas após, entre penedos troa!
Já o rio menino se fêz homem...
Margens chorosas, — onde as há que o domem? —
mal o seguram, tanto foge, voa!

Ah! Como aquele rio, num instante,
sendo anãozinho se tornou gigante!
Tal à saüdade o posso comparar.

Tão pequenino rio quando nasce!
Depois, tempos andados, cresce e faz-se,
e corre cheio, transformado em mar!

1930.

VIDA NOVA

ESQUECER o que sou! (Ó sombra vã
da minha própria sombra! Sombra e bruma!
Ó noite escura que já foi manhã!)

Sepultasse eu, bem fundo, uma por uma,
as desditas da vida e as decepções!
(A vida é sempre um mar de pranto e espuma!)

E vivesse por estas solidões,
a sós com Deus, sem um desejo brusco,
sem outros sonhos, outras ambições,

que achar o que eu em vão há tanto busco
— ai, sempre em vão! —: a paz e o esquecimento,
e algum sol a êste eterno lusco-fusco...

Olhar as árvores; ouvir ao vento
— estranho poeta louco! — a harpa dúctil
de ira rebelde ou brando sentimento...

Regressar ao que fui — quimera fútil!
E, ao menos, — sonho extático! — esquecer
tudo quanto aprendi — saber inútil!

E voltar, como as crianças, a aprender,
tendo por sábio livro a Natureza,
o único só que um poeta deve ler!

Ai, não pensar na morte!, — ideia presa
à minha mente, enchendo-a de amargura
e dum luar pesado de tristeza...

E na vida pensar, alegre e pura,
e bendizê-la sempre, ao sol da serra,
naquela santa paz que vem da altura...

E subir mundo além, além da terra
e de mim mesmo, devassando os céus,
rasgando a treva que nos cega e aterra...

— Subir, subir, até chegar a Deus!

Gerez, Junho de 1932.

MÁGOAS DE POETA

NESTA soidão, tão longe do bulício,
busquei a paz que o mundo nos recusa!
de coração ferido, alma contusa,
algum bem quis lograr ou benefício.

Entre arvoredo amigo, a amor propício,
nos doces braços me entreguei da musa,
pela voz embalado de Aretusa,
presa, como eu, de eterno malefício...

Junto a êste rio que o sossêgo quebra,
e nestas margens que eu com pranto rego,
tentei curar desânimo e tristura;

a tristura que rói e a dor que alquebra!
Em vão! Não me curei; que o fado é cego
e ser triste é nos poetas mal sem cura!

Margens do «Gerez», 1932.

VIVENDO E MORRENDO

NESTE bosque, onde o rio se despede,
me embrenho com o triste pensamento,
buscando paz, algum contentamento,
que a bem poucos o fado só concede.

De ser feliz o mundo nos impede.
Tudo na vida é fumo, tudo é vento!
Busca-se o gôzo e encontra-se o tormento,
e o mal se logra quando o bem se pede...

Sem cânticos de luz e de alegria
êste nosso viver não é viver,
é um morrer constante, dia a dia.

Por vezes, nós julgamos renascer...
Mas volta a dor, entramos na agonia,
e nos sentimos outra vez morrer!

Gerez, 1934.

TRINDADE AMADA

Da vida no duro trilho
— o que mais ainda me espera? —
três Antónios já perdi;
perdi meu pai, o meu filho,
e meu genro, que filho era...

Olhai quanto já sofri
e quanto ainda sofrerei!
Por isso, neste meu canto,
com muita dor, muito pranto,
os três Antónios juntei!

VERDADE ETERNA

QUE vale fôrça heróica, braço ousado?
Que vale génio audaz, cérebro forte?
Vencido pela dor e pela morte,
o Homem é sempre o eterno derrotado!

C.M.B.
Biblioteca

FIM DUMA CAMÉLIA

UMA história chocante.
Ainda há poucas manhãs resplandecia
com a chama abrasante
dum estranho rubim...
E, já hoje, nesta tarde de elegia,
— que doloroso fim!
Que provação! —
ei-la, no chão...

Mísera flor!
Vermelha, tão vermelha,
(depois de morta ainda conserva a côr!)

a uma nódoa sangrenta se assemelha.
Parece até que a terra regelada
onde a triste caiu, de repelão,
foi agredida, apunhalada
no coração...

Pobre camélia! Imagem doutras vidas,
que, hora a hora,
desfalecidas,
tombando vão por êsse mundo fora...
Pobre camélia que rolou no chão!
Para as águas do lago o vento impele-a...
Lá vai, no turbilhão!
— Assim findou uma camélia
para dar vida a uma canção!

Viatodos, Janeiro de 1940.

QUADRAS SOLTAS

I

A minha quadra primeira
seja uma quadra de amor;
seja um beijo à terra inteira
e um abraço a tôda a dor!

II

Só tu, Bondade, desarmas!
Houvesse amor, coração:
os homens, em lugar de armas,
trariam rosas na mão...

III

Dom Nuno, vulto lendário,
teve uma vida de encanto:
a espada fez-se rosário
e o herói acabou em santo!

IV

O Nada não produz nada.
Existem terras e céus;
logo, tôda a obra criada
revela que existe Deus!

V

Árvores! Eu vos bendigo!
Foi vosso lenho imortal
que deu vida, em tempo antigo
às naus do meu Portugal!

VI

Sem fé nada se concebe;
a esmola (Deus a olhará)
consola a quem a recebe
e consola a quem a dá.

VII

O mistério desta vida
faz-nos pensar e sofrer.
—Tanta ambição, tanta lida,
para afinal se morrer!

VIII

A vida gera cansaço
e morrer bem pouco custa;
o que punge e nos assusta
é morrer a cada passo...

IX

Ó Sol! Num sorriso grato
tôda a luz ao mundo levas,
mas o mundo — que insensato! —
prefere viver nas trevas!

X

As grandezas não se medem.
Portugal! Basta esta glória:
se em territórios te excedem,
ninguém te excede na História!

XI

Nas dores do mundo, absorto,
seu canto o poeta traduz;
se a lira lhe traz confôrto,
também lhe serve de Cruz!

XII

Quadras soltas? Disse mal,
pois cada uma está presa
ao riso dum ideal
e ao pranto duma tristeza!

SINFONIA DOLOROSA

EM tudo quanto existe
abranjo aquela mágoa indefinida
do seu destino triste;
— mágoas sem conta
da Vida...

Olho o sorriso amado que desponta
numa bôca louçã.
Pobre sorriso!

Entre ilusões e rosas desabrocha
e não passa de lágrima amanhã!

Olho o solo que piso:
— de que é feito êste pó?
Do que foi tronco ou rocha,
alma ou corpo — de coisas mortas só.

Olho estas árvores. À sombra delas,
— como são boas, como me protegem! —
escrevo e penso. Em suas franças belas
os brandos zéfiros a orquestra regem...
Árvores santas! Num anseio puro,
esplendem, sobem, majestosamente...
A ascensão vitoriosa do presente
a iludi-las da queda do futuro!

Olho as aves. Aquele verdilhão
abeira-se de mim, asa discreta;
soube (não sei por quem!) que eu era um poeta,
talvez um seu parente ou seu irmão...
A dois passos gorgeia, ardente estrénuo...
Vem-me dizer que a vida é doce canto.

— Não creias nisso, passarinho ingénuo,
pois o canto mais belo acaba em pranto!

Tudo perscruto, ansioso: a estrêla e a flor,
a asa e o sorriso... — Que amargura forte!
Em tudo vejo a dor!
Em tudo sinto a morte!

Viatodos, 1941.

SONHOS DE AVÔ

I

MEU neto amado, duas vezes filho!
Ao vê-lo junto a mim, florir, crescer,
eu penso no homenzinho que há-de ser,
e em tal sonho me embebo e maravilho!

Retomará a lira que eu dedilho?
Mas ser poeta é sentir e padecer.
Calvário da Arte! Quem o percorrer
sofre, mas goza o sol em pleno brilho!

Não! O sonho mais puro e mais formoso,
que ao céu levanto, num rumor de prece,
é que o meu neto seja venturoso;

que em seus lábios jamais o canto cesse,
e que o seu peito se abra, carinhoso,
a quem na vida só a dor conhece!

II

O neto amado! Os braços meus que o tomem
com jubiloso amor, fundo carinho.
Êle é o sol que inunda o meu caminho;
seus risos de oiro os meus cuidados somem.

Por vezes, fundas mágoas me consomem
e o peito ferem, como agudo espinho:
se acaso lá chegar, serei velhinho
quando êle, o meu netinho, for um homem.

Mas que a alma não se mostre sucumbida!
Ao engolfar-me na hórrida voragem,
não morrerei de todo, bem o sei.

Será continuada a minha vida!
Meu neto, olhos na luz e na païsagem,
dará por mim um beijo a quanto amei!

1941.

DESENGANOS DA VIDA

NESTAS ânsias de luz em que consumo
pensamento e alma, eu próprio me interrogo:
— O que é a Vida? Nada! Simples fumo
que se dissipa logo.

Somos ricos de bens, venturas tantas?
Numa aurora de Abril o céu nos ri?
— Ó minha santa Mãe, santa entre as santas!
Que dor imensa quando te perdi!

Temos a idade em que as quimeras crescem?
Dos puros lábios as canções nos saem?
Breve os nossos cabelos embranquecem
e as ilusões se esvaem...

Nas mãos febris, como quem ergue um sonho,
um mundo grande e belo levantamos?
Mas êsse mundo, com fragor medonho,
desaba, e no seu pó nos sepultamos!

O porvir nos sorri, num beijo amado?
Mas, para todos vós, e para mim,
o futuro, presente continuado,
(sombra remota ou próxima) é o fim...

Isto me diz a Vida, amargamente,
com profunda e cruel realidade.
A Vida! Tudo nos ilude e mente!
Sòmente a dor nos fala com verdade!

Agôsto de 1941.

O QUE NOS DIZ A ÁGUA

— «OLHAI e vêde!
Não olho a quem me dou,
mas sim a quem tem sêde,
tão caridosa sou.
Piedosa e cristã, tanto me entrego
à fera como à flor,
pois voto a todos, bons e maus, o mesmo cego
amor...

*
* *

Sendo boa, tão boa,
provoco, algumas vezes, desvarios...

Mas é culpa dos rios
que trasbordam à toa!
Não é por culpa minha,
que nasci entre montes,
inocente, mansinha...

Sou a água das fontes!

Não me confundam com as outras águas,
soberbas, revoltosas...
Essas espalham mágoas
e eu distribuo rosas...

*

* *

Contente com me ver aproveitada,
sigo, a sorrir, a santa e humilde enxada,
que, sem querer, o meu corpinho fere...
E lá vou, e lá vou, onde ela quere,
reverdecer ervinhas e raízes,
saciar suas bôcas,
tanta vez sem frescura, as infelizes!
E exulto, canto e rio, quando chego
à sua beira
em brando fio ou copioso rêgo...
Minha consolação, porém, não é inteira!

Amorosa e submissa,
eu não posso apagar, no mundo em guerra,
aquela sêde enorme de justiça
que se ergue sôbre a terra!
Ah! Como sinto a mágoa torturante
de a não poder, ao menos, minorar!
É, por isso, que vós ouvis a cada instante
a Água chorar...»

1942.

GUERRA MALDITA

POR êsse mundo a vejo,
perversa e crua, erguendo a pavorosa voz!
O monstro horrendo, sanguinário e malfazejo,
galopa a tôda a brida em seu corcel feroz!

Que importa o luto e a dor? Que as criancinhas morram
e fiquem aos montões, às pilhas, sepultadas?
E que as chorosas mães em loucos gritos corram
erguendo para o céu as mãos desesperadas?

Que importa que os velhinhos
vejam os seus casais desfeitos à metralha,
e tenham que ir dormir ao frio dos caminhos,
sem lume que os aqueça ou manta que lhes valha?

Que importa ao monstro abjecto a vida e a liberdade,
se êle é quem dita as leis num bramido que aterra,
e manda fuzilar os homens, sem piedade,
pelo crime de tanto amarem sua terra?

Que importa ser-se jovem,
ter alma varonil e peitos esforçados,
se os engenhos do mal furibundos se movem
e os mais fortes abate e deixa estropiados?

Que importa ter-se um lar, se a atroz, voraz cobiça,
num salto de pantera o vem despedaçar?
Que importa o brado da Razão e da Justiça,
se à baioneta e à bomba a fôrça o faz calar?

Que importa amar-se a paz
e em boa e santa paz se desejar viver?
Guerra maldita! Criação de Satanás!
O mundo em mar de sangue! O mundo todo a arder!

E neste inferno horripilante, abrasador,
a terra a sufocar, em fundas convulsões,
sob o pêso brutal, cruel, esmagador,
dos tanques e canhões!

Janeiro de 1942.

II

CÂNTICOS

D. ANTÓNIO BARROSO

LEMBRO o seu bíblico perfil antigo:
barbas patriarcais e falas mansas;
nos lábios, o sorriso dum amigo;
e no peito, a candura das crianças...

Figura excelsa, de bondade cheia!
Lutador abrasado de ideal,
em tôda a sua vida de epopeia
quebrou lanças por Deus e Portugal.

Missionário, andou pelos sertões
submetendo o gentio à lei de Cristo;
bispo, levou a paz aos corações
com amor acendrado, jamais visto.

E nesse apostolado de heroísmo,
erguendo a Cruz nos lances da peleja,
pugnou com fé e com patriotismo,
honrando a Pátria e engrandecendo a Igreja!

1928.

CRUZ VERMELHA!

1

A Terra, escrava da dor,
recebeu beijos do céu,
e dêsses beijos de amor
a Cruz Vermelha nasceu...

2

Cruz Vermelha, que eu bendigo,
bendita sempre serás!
Mártir na hora do perigo,
és santa na hora da paz!

3

Cruz piedosa, cruz augusta,
dor do mundo, quem a mede?
Pedi, que, pedir não custa
quando para outros se pede.

4

Cruz Vermelha Portuguesa,
cruz de renúncia e bondade!
Riso de sol e beleza
neste país da Saüdade!

5

Quando passas, tôda rubra,
em alvoradas de luz,
que Portugal se descubra
como se visse Jesus...

6

Cruz de afectos e carinhos,
que doce bondade a tua!
Dás a mão aos pobrezinhos
para os levantar da rua...

7

Cruz Vermelha sacrossanta,
melhor vive quem faz bem.
— Ai, tanta miséria, tanta,
sem confortos de ninguém!

8

Ó Cruz, segue o teu caminho!
A Vida tem altas vagas...
— Desça a frescura do linho
sôbre o martírio das chagas!

9

Cruz heróica! O mundo, em grita,
pede um beijo redentor...
— Só com bondade infinita
se vence a infinita dor!

10

A Vida no amor se encerra.
— Ó Cruz Vermelha imortal:
Pelo bem da nossa terra!
Pelo bem de Portugal!

BUCÓLICA DE MAIO

No azul, tão vivo,
Apolo loiro
conduz, altivo,
seu carro de oiro.

Pombas amadas
andam, aos pares,
riscando estradas
por êsses ares.

A brisa, a arfar,
puxa o arvoredo;
vai-lhe contar
qualquer segrêdo...

No ar cristalino
a abelha zumbe.
Ao longe, um sino,
lento, sucumbe...

Riem cantigas...
As mariposas
beijam, amigas,
o rosto às rosas...

Na verde alfombra
pastam carneiros,
à doce sombra
dos castanheiros.

Rôlas arrulham . . .
Nos eucaliptos
os gaios bulham
em altos gritos.

E além, no rio,
um rouxinol
ergue, com brio,
hinos ao sol!

1931.

MORENO

A meu sobrinho Manuel

QUE doces bens, que tesoiros,
recebeste com amor!
Sempre os anjos foram loiros...
Faltava um da tua côr.

Por isso, Deus, dos céus puros,
num beijo alegre e sereno,
fêz os teus olhos escuros
e fêz teu rosto moreno!

Abril de 1931.

SOL DE JUNHO

NA calma da tarde, a aragem
mal beija o arvoredo esquivo,
vaidoso em sua roupagem
dum verde alegre, festivo.

Os rebanhos, na pastagem,
dão um colorido vivo
a esta encantada païsagem
onde me sinto cativo...

Pelos campos, ao sol baixo,
moças robustas, no sacho,
soltam risos, murmurinhos...

E em cada pinheiro manso
ternas rôlas, sem descanso,
erguem o poema dos ninhos!

1931.

SONHO PAGÃO

NESTE parque discreto e tão sombrio
que a deusa Flora ornou com raro enfeite,
eu adormeço; e sonho, com deleite,
ver loira ninfa entrar no verde rio.

Com que prazer, fugindo ao quente estio,
mergulha na água o corpo côr de leite!
Segura está de que ninguém a espreite...
Mas surge um fauno a arder em bruto cio.

Surprêsa, a ninfa dois gritinhos dá,
cobre a nudez mimosa e correr finge...
(Que é arma de mulher fingir, concordo!)

Tropeça aqui, levanta-se acolá,
até que o fauno a alcança e ao peito a cinge...
Os melros cantam alto e eu acordo!

Gerez, Junho de 1931.

A CAMINHO DA FEIRA

As caminhetas,
— tela animada! —
cheias, repletas,
roncam na estrada.

Aos solavancos
os carros vão;
em sacos brancos,
milho e feijão.

Bois luzidios,
hastes com flores...
— Chanças e brios
de lavradores!

Moços asseados
— foi-se a jaqueta! —
rodam, curvados,
na bicicleta.

Outros, a pé,
rompendo as solas,
— e o corpo até! —
arranham violas.

Moçoila gorda,
blusa e lencinho,
conduz à corda
róseo porquinho.

Êle recua,
grunhe, estrebucha...
E a pobre sua,
puxa que puxa!

Passam dois potros;
erguendo poeira,
logo vêm outros,
éguas à beira.

Moça de lábios
côr de morango,
— quem os vir, gabe-os! —
sobraça um frango.

Esta, travêssa,
soquinhos novos,
leva à cabeça
um cêsto de ovos.

Aquela, então,
leva do lado
do coração
o conversado...

— Feiras do Minho!
Faça-se o rol:
muito povinho
e muito sol!

Viatodos, 1933.

REMANDO...

NA esmeralda do lago, em pleno isolamento,
Graziela rema,
cabelo ao vento.
Graziela é gentil; o seu nome a define!
Mereceria um poema
se eu fôsse Lamartine!

Espreito-a sem me ver. Os seus olhos estranhos
— Verdes? Cinzentos, a fugir para castanhos? —

embaraçam-me; ignoro a tinta, a côr exacta,
com que os hei-de pintar.
Tarefa ingrata,
devassar tal segrêdo,
ó doces olhos com veludos de arvoredo,
com topázios de sol, diamantes de luar!

E enquanto a lira tanjo
com devoção extrema,
aureolada de luz — pura visão dum anjo! —
Graziela rema...
O barquinho é azul, como o vestido dela!
Na pequenina mão — que linda mão aquela! —
o remo mal lhe cabe...
No lábio, todo em flor, que sorriso feliz!
— Musa, deixa-a remar, sorrir! Mal ela sabe
os versos que lhe fiz!

1934.

CANÇÃO DAS MÁQUINAS

Ei-las, lá vão,
resfolegando
e expectorando
fumo e carvão.

Monstros disformes,
com suas patas de aço, enormes,
esmagando os carris... Lá vão, aos roncos,
num ruído infernal de molas, rodas.
As árvores encolhem os seus troncos,

somem-se tôdas,
com aflição...
E elas, as máquinas, lá vão, lá vão!

Lá vão às curvas,
pelas manhãs de sol ou tardes turvas,
galopando e rolando
pela planície fora; ou arquejando,
pesadas, ofegantes,
(pulmões de ferro em trabalhosa acção!)
pelas subidas bravas, esgotantes...
E lá vão!

Chegam às estações; sombra amorável,
água a correr...
Bebem sôfregamente até encher
o bôjo formidável.
Partem; eis que anoitece,
e ao luar que aparece
em álgidos clarões,
lembram estranhas, mágicas serpentes,
com os seus olhos a luzir, ardentes,
e a sua longa cauda de vagões...

Silvam; despertam vilas
que dormiam tranqüilas,
num sossêgo cristão...
E lá vão, com brutal velocidade,
de cidade em cidade...
— Lá vão, lá vão!

1936.

HISTÓRIA PÁTRIA

HISTÓRIA cheia de brilhos
a História de Portugal!
Leiam-na de pais a filhos
sempre bela até final.

Foram os nossos avós
os primeiros a escrevê-la;
saibamos agora nós
continuá-la e mantê-la.

— Alta epopeia a dum Povo
que venceu os bravos mares;
que deu vida a um mundo novo
e deu santos aos altares!

Que levou, num beijo terno,
a fé de Cristo aos sertões,
e gravou em bronze eterno
as estrofes de Camões!

Exaltemos nossa História!
Sintamos, lendo-a mil vezes,
todo o orgulho e tôda a glória
de nascermos portugueses!

HOMENAGEM

A Júlio Brandão

I

VOSSOS amigos querem celebrar-vos!
Um dêles sou e corro à vossa festa...
Não trago rosas; trago, para dar-vos,
êstes sonetos de feição modesta.

Não venho — reconheço-o! — deslumbrar-vos
com o ouropel do verso e a rima lesta...
Venho saüdar vossa obra, e confessar-vos
quanto ela é lapidar, perfeita, honesta!

Poeta de nobre, egrégia raça sois.
Prosador de alta estirpe! Unem-se os dois
na mesma abrasadora, eterna chama;

a chama da beleza — luz bendita! —
que o vosso peito enamorado agita
e a vossa pluma de oiro move, inflama!

II

VOSSA obra genial, de raro vulto,
não precisa de incensos nem prefácio;
nem louvores de quem, de todo oculto,
vive em seu êrmo, penumbroso Lácio...

Cantar-vos? No silêncio me sepulto!
Vosso perfil de Artista, fixe-o, trace-o
quem saiba; apenas sei render-vos culto
em froixa estrofe, que não é de Horácio.

Verso e romance, contos e novelas,
vossa obra — sinto-a bem! — é das mais belas.
Seduz e empolga; puro amor provoca.

Prodigiosa de côr, — tôda resplende! —
tem um sôpro de graça que nos prende
e um fulgor de ternura que nos choca!

O SALGUEIRO AMOROSO

NÃO rias, meu amor, não rias,
dêsse velho salgueiro corcovado!
Tem uma história linda — não sabias? —
que vai, por certo, merecer o teu agrado.

Êsse velho salgueiro,
(ao que se diz)
foi amado pela água dum ribeiro
— água que o fêz feliz!

Mas êle era alto; e ela, baixinha,
tentava-o, noite e dia, com a fala...
Curvou-se todo, então, para beijá-la;
e, de tal modo o fêz,
que ficou corcundinha,
tal como o vês!

BRASIL!

I

NESTA hora de grandeza e evocação
— Ó Casa Lusitana, em festa brilhas! —
o nosso Portugal de maravilhas
beija o Brasil, estreita-o ao coração.

Brasil das cachoeiras, do sertão,
onde as naus de Cabral, de esbeltas quilhas,
tempestades vencendo e longas milhas,
aproaram em manhã de redenção!

Portugal beija, em êxtase, o Brasil!
Beija-o na fronte pura, juvenil,
com amor carinhoso, paternal.

Apenas separado pelo Atlântico,
falando a nossa língua, doce cântico,
o Brasil é um segundo Portugal!

II

Brasil! E Portugal, olhando-o, clama:
— «Êste é o filho insigne, muito amado,
por meu e seu contento emancipado.
Filho que me honra, e o orgulho meu inflama!

Brasil dos altos morros, sol em chama!
Que se erga altivo e forte, belo e ousado,
sem se esquecer do tronco venerado
que lhe deu vida, esplendorosa rama...

As minhas glórias! Dêle são também.
A mesma raça, pois de mim provém,
a mesma história nobre, aurifulgente.

O mar tentando sempre separar-nos,
mas sempre a fala e o espírito a juntar-nos,
duas Pátrias unindo, eternamente!»

Ano Aureo — 1940.

SOL QUE MORRE...

NUMA agonia de oiro — ó poetas, vinde ver! —
some-se o sol, de chofre.
Quem poderá dizer
quanto o sol sofre
para morrer?

Sumiu-se o sol! Porém, no doce azul do mar,
fica a pairar

o seu clarão distinto;
tal como em nosso coração, que o luto invade,
fica a saüdade
dum grande amor extinto!

Foz, Dezembro de 1941.

ORAÇÃO À NATUREZA

BENDITA sejas tu, ó Natureza,
fonte de eterna vida e de beleza!
Bendita no teu seio criador
que gera a sombra e a luz, a planta e a flor!
Bendita em tantos biliões de seres
que emanam do teu ventre sacrossanto
na horinha crucial de conceberes...

Bendita a tua voz — a voz de tantas vozes!
Voz das nascentes, a sorrir por entre prados...

Voz dos rios velozes
e mares agitados!
Tôda essa voz que desfalece ou se avoluma...
Voz de raíz, gemendo em cova funda,
(voz que parece muda e é bem profunda!)
ou voz mais alta, feita estrêla, espuma!

Bendita desde a terra ao infinito,
às sombras imprecisas da distância,
onde mal chega o meu perdido grito,
mas chega o pensamento, todo em ânsia...
Bendita em teu amor, que nos redime!
Bendita, eternamente, à luz dos céus!
Ó Natureza! Criação sublime!
Obra prima de Deus!...

Fevereiro de 1942.

O BUSTO DE MEU PAI

(NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO)

TAL como o vi, o vejo a todo o instante,
mau grado o escuro túmulo que o encobre!
Rasgada a fronte; pálido o semblante;
olhar leal; carácter recto, nobre.

Foi homem de energia e de vontade.
No Pôrto amado, — terra onde se fêz —
impôs-se pela sua integridade,
impoluta honradez.

Católico sincero, inquebrantável,
fêz do seu lar um verdadeiro templo.
Foi sua vida um cântico admirável
de amor e bom exemplo!

Peito modesto, de vaidades falho,
desprezou honrarias, tão banais.
O culto da Virtude e do Trabalho
foram seus grandes, belos ideais!

Coração dos mais santos; alma pura,
— revive em Deus, na região etérea! —
espalhou seus tesoiros de ternura
sôbre tôda a miséria.

Comemorando a data em que nasceu,
fiz êste busto de apoucado brilho;
busto dum pai, erguido, à luz do céu,
pela saüdade e gratidão dum filho!

23 de Março de 1942.

OLHANDO PARA LEMENHE

DESTA varanda formosa
que tem vistas ideais,
eu fito a terra amorosa
que foi berço de meus pais.

Revejo-a, tôda orgulhosa,
nos seus encantos reais:
outeiros de côr mimosa,
verdes campos e pinhais.

Contemplo-a, à luz do horizonte,
na visão perturbadora
da païsagem rica e cheia:

Casas na encosta; e, no monte,
a capela da Senhora
a sorrir pra tôda a aldeia!

Viatodos — Casa da Capela, 1942.

VIATODOS

I

As aldeias de Barcelos
herdaram graças a rôdos,
mas os encantos mais belos
couberam a Viatodos.

Deus juntou tôdas as rosas
e Viatodos criou;
entre as aldeias formosas,
a mais formosa ficou!

II

Viatodos, flor do Minho!
O seu nome entendo assim:
de todos é o caminho
que vai dar ao seu jardim.

Nome dos mais sugestivos,
bem ajustado ao lugar;
pois *a todos vi* cativos
dos seus tesoiros sem par!

III

Não pregunteis onde fica
Viatodos; caminhai,
e onde a terra fôr mais rica
e o sol mais belo, parai.

Olhando os prados floridos
e o céu que tanto sorri,
podeis dizer, convencidos:
— «Viatodos é aqui!»

HINO A BARCELOS

Ó cidade altamente portuguesa,
dona de velhos paços e solares,
quem poderá cantar tua beleza,
os teus jardins risonhos e pomares?

Nos teus encantos a alma fica presa.
Há lá céu mais azul! Mais puros ares!
Mais frescos arvoredos! Que riqueza
de horizontes! Que poentes singulares!

Onde tão claro sol, doce païsagem,
rio mais sonhador, que, em vassalagem,
os pés te beija e com amor te fita?

Ó visão irreal, deslumbradora!
Flor do «Cávado»! Ninfa sedutora!
Deusa! Raínha eterna: — sê bendita!

III

SONETOS A PORTUGAL

I

MEU Portugal! Que a tuba heróica o glorifique
na hora de oiro, sem par, de suas festas lautas!
País de ínclitos reis, famosos argonautas,
por Dom Afonso cimentado ao sol de Ourique!

Que nenhum peito luso emudecido fique!
Vibrem clarins! Soprem da Arcádia as belas frautas...
Lembrem-se velhos capitães, poetas e nautas:
Camões, Gama, Albuquerque, infante Dom Henrique...

Contemple-se o passado!: As lutas fundadoras!
O milagre das naus! O grito da nobreza,
em explosões febris, ânsias libertadoras...

Epopeias de glória! Estrofes de grandeza!
E, juntas sempre, a Espada e a Cruz, as criadoras
desta terra imortal — a Pátria Portuguesa!

II

PORTUGAL, Portugal! Com orgulho profundo
evoquemos a sua história grande e bela!
Bronze sagrado, onde refulge e se revela
o esfôrço lusitano, intrépido e fecundo!

Na terra inóspita ou no oceano furibundo,
empunhando o montante ou desfraldando a vela,
subjugando o crescente e os leões de Castela,
Portugal, valoroso, encheu de espanto o mundo!

Evoquemos a sua história de milagres
do alto das barbacãs, das tôrres de menagem,
cêrros de Guimarães e penhascos de Sagres...

E beijemos o sol, no esplendor da païsagem!
Êste sol que aureolou, em tantas lutas agres,
a épica soldadesca e a heróica marinhagem!

III

SAÜDEMOS Portugal, o lutador possante!
Nesta hora trágica de tantas ignomínias,
(a alma latina sangra!) é vê-lo, confiante,
no seu velho solar de rosas e glicínias...

Beijado pelo mar (o mar era arrogante
e humilde se tornou...) e pelas apolíneas,
formosas graças, envolvido em sol brilhante,
Portugal vive em paz, longe de iras sanguíneas.

Seus oito séculos de história celebrando,
— longa vida de glória! Esfôrço formidando! —
com os lauréis na fronte, em júbilos se expande.

E, olhando para Si, nestas horas incertas,
contempla o friso das conquistas, descobertas,
que o tornaram imenso e forte, eterno e grande!

IV

PORTUGAL, Portugal! Bendito sempre seja!
Que todo o peito o saúde e tôda a lira o exalte!
Terra da Virgem, que Ela o abençôe e proteja,
e com o seu materno amor jamais lhe falte!

Que sempre honrado e livre o nosso olhar o veja!
Que sempre a fé de antanho o seu brasão esmalte!
Brasão de glória, ganho em rasgos de peleja,
todo o mundo o respeite e fôrça alguma o assalte!

Portugal, Portugal! Quimérico jardim
com tulipas de sol e regas de luar...
Deus lhe conserve o bem e a calma que desfruta!

Que o bem seja constante e a paz não tenha fim,
ó velho Portugal de Aquém e de Além-Mar,
enobrecido na honra e caldeado na luta!

V

Alma do Povo! Sangue indómito da Raça!
Agitai-vos! De espada e arnês, cota de malha,
viseira erguida, Portugal em triunfo passa,
envolto nos troféus sagrados da batalha!

Unge-lhe Deus a fronte augusta, e nela traça
uma bênção de amor... — Que essa bênção lhe valha!
Seja penhor de fé! Seja fonte de graça...
Desça-lhe ao coração! Sirva-lhe de muralha!

Portugal passa! Olhai os seus navegadores,
reis de armas, infanções, prelados lutadores,
— mar vivo de elmos e broquéis, plumas vistosas...

E neste bélico cenário medieval,
num baldaquino de oiro e púrpura real,
Santa Isabel arremessando beijos, rosas!

VI

PORTUGAL varonil de Castro e Mascarenhas!
Nesta hora máxima, ajoelhemos com fé pura!
Celebremos o Herói, que, em luta fera e dura,
ergueu o seu pendão por areais e brenhas!

De espada em punho, olhos de fogo, almas ferrenhas,
que os portugueses de hoje o guardem com bravura,
desde o Minho, afogado em colchas de verdura,
ao Algarve florido e terras estremenhas!

Portugal, Portugal! Que todo o amor o cerque!
Em nossas veias ferva o sangue de Albuquerque,
rubro como um clarim nos tôpos dum castelo!

Sempre por Portugal — seja êste o nosso grito!
Grito que sulque o império e chegue ao infinito,
e seja cada vez mais forte, ardente e belo!

Ano Aureo — 1940.

IV

TELAS DO PÔRTO

A MINHA RUA EM DIA DE CHUVA

FRIA e cortante,
como lámina de aço, a chuva cai.
Tempo enervante!
Cheio de tédio encosto-me à vidraça
(sinto que me distrai!)
a olhar a rua; tem encanto e graça!
Caixeiros e polícias; costureiras
aos gritinhos e saltos;
e, em tintas de aguarela, hortaliceiras
de cêstos à cabeça e seios altos...

E a chuva cai aos empurrões do vento...
E colado à janela, observo, atento,
a minha rua à hora do trabalho,
quando se mostra mais abertamente...
Seira na mão, em direcção ao talho
uma criadita sai do prédio em frente;
uma outra acode à porta, de repente,
a espreitar quem bateu, tão desalmado...
Como a casa é vizinha e fica ao lado,
oiço-a imprecar, raivosa, em frase dura,
— quanta graça lhe acho! —
um miúdo que foge, rua abaixo,
autor da travessura...
Vêde o tratante! Já ao longe vai!
— E a chuva cai...

Um *Ford* de praça
surge do fundo, esbelto, buzinando...
Desaparece lesto, enlameando
quem passa.

Encostado a um portal, um garotito
apregoa os jornais, em alto brado.
Todo encharcado

o pobrezito!
E a sua voz, que eu oiço com delícias,
canta no ar — escutai:
«O *Janeiro!* O *Notícias!*»
— E a chuva cai!...

Fevereiro de 1936.

VELHAS RUAS DA SÉ

NESTA manhã de sol e vento fresco
passo uns momentos bons a percorrê-las,
na viva tentação de surpreendê-las
em tôda a sua graça e pitoresco.

Ruas da Sé, bulhentas e gritantes,
com seu arcaico, velho casario...
Largo do Paço com os seus mirantes
donde se avista Gaia, a ponte, o rio...

Rua da Catedral, cheia de arraia miúda...
A Senhora de Agôsto, imóvel, muda,
(como é pungente ver!)
na dor das suas casas derrubadas...
— Oh, o drama das ruas, condenadas
a desaparecer!

Ruas da Sé com seu sabor antigo...
Dirijo-lhes a fala!
E elas sorriem, abrem-se comigo...
Rua do Paço; Largo do Colégio
com a igreja dos *Grilos* (páro a olhá-la!)
de aspecto grave, majestoso, régio;
a *Rua de Sant'Ana,* tôda em charco,
onde o sol vagamente se reflecte...
— Que é feito do seu gótico, belo arco,
que deu nome a um romance de Garrett?

Ruas da Sé com seu cenário popular:
hortaliceiras, mulherio vário,
mendigos a pedir e cegos a tocar...
Rua de *São Sebastião*
com seu vistoso, alegre fontenário,
sorrindo para todos que lá vão...

Aldas; Pena Ventosa,
onde encontro um pintor (como eu há tantos!)
a recolher na tela verde e rosa
os seus encantos...

Velhas ruas da Sé! Mal as abranjo
nestes froixos retratos!
Escadas da Rainha; Viela do Anjo,
infestada de gatos...
A *Rua Escura,* celebrada por Lousada,
revôlta, alvoroçada...
Rua do Souto; e, em pinceladas brandas,
a *Rua dos Pelames*
com vasos nas varandas
e roupas nos arames...

Ruas da Sé, ungidas de poesia!
Escadas das Verdades; Bainharia,
e ao lado, *Ponte Nova,* ágil, ligeira,
a descer, numa brusca correria,
para *Mousinho da Silveira*...
E depois, já refeita da canseira,
a subir, para ir ter — puros amores! —
com a *Rua das Flores*...

Ruas da Sé, cheias de côr bizarra...
Mercadores, violeiros, algibebes;
lojas de «ferro-velho» e de «comes e bebes»...
Numa taberna, harpejos de guitarra,
nas angústias do fado...
E em frente dum portal, — disputas vãs! —
peixeiras de má língua, em duelo encarniçado
com vendedeiras de laranjas e maçãs!

Velhas ruas da Sé, humildes e singelas...
Evoco a sua história, o seu passado morto.
Mais do que ruas — reparai! — são aguarelas,
flagrantes, típicas, do nosso velho Pôrto!

Janeiro de 1940.

CASAS DE MIRAGAIA

O sol, com suas tintas quentes, belas,
aviva a côr das casas.
Voam as pombas sempre à volta delas
numa bênção cristã de cantos e asas...

Ó casas modestinhas, mas formosas!
(Varandas verdes, pitorescos arcos...)
Umas, sem vistas; e outras, mais ditosas,
olhando o cais, a trasbordar de barcos...

O rio, em frente, pleno de carinho,
pelos tempos de cheia as vem beijar.
Visita amiga dum fiel vizinho,
dum namorado — posso acrescentar!

Neste ou naquele andar, vasos com plantas,
gaiolas com pintassilgos e canários;
e, tomando ar e sol, lençóis e mantas,
roupas e trapos vários.

Casas de Miragaia!
Todo o Pôrto as conhece.
Na sua graça o meu pincel se ensaia
e ganha colorido — vibra, aquece!

Semi-ocultas, como envergonhadas,
nos fundos duma rua se amontoam,
enquanto as pombas, nas manhãs doiradas,
sôbre elas riem, voam...

OS CAUTELEIROS

Ao belo sol, que em tôda a luz se expande,
os cauteleiros, desde o *Astória* ao *Suíço*,
provocam verdadeiro reboliço,
a todos prometendo a sorte grande.

Quem cruze a praça ou nos passeios ande,
não procure fugir; não pense nisso!
Tome cautela! Mostre-se submisso
até que a fúria do assaltante abrande!

Os cauteleiros! Enchem de altos brados
o velho Pôrto, as ruas e os mercados.
É vê-los: passos lentos, modos prontos...

Não sei qual mais se esforce ou qual mais grite,
agitando os bilhetes com palpite,
berrando, apregoando: — «Seis mil contos!»

Dezembro de 1941.

A RIBEIRA EM TARDE DE SOL

A luz jorra do céu e solta os seus novelos
de leve fio de ouro...
Belos, cheios de côr, descem barcos rabelos,
das arribas do Douro.

Pelo rio, as gaivotas.
Guardas fiscais no paredão; noutro local,
agarrado ao cachimbo e enterrado nas botas,
um fragateiro atento à descarga do sal.

Poetizando a rua, entre aromas de rosa,
as *Alminhas da Ponte;* uma lâmpada arde,
espalha luz piedosa
na doçura da tarde...

Numa tenda vistosa, as passas de Alicante,
figos loiros do Algarve...
A vendedeira, por sinal interessante,
reponta, enfurecida, às graças dum alarve!

No largo, em frente à fonte, — aguarela excelente! —
carros de bois, e, rumo a Gaia, junto ao rio,
caminhões buzinando estrepitosamente,
tão surdo é o mulherio!

Um cauteleiro grita; um cego expõe seus males.
Escurece. Toma uma estranha côr o rio.
Ergue-se vento, e repuxando ao peito os chales,
carrejonas, no cais, praguejam contra o frio...

MERCADO DO ANJO

(EM VÉSPERAS DE NATAL)

QUE pitoresco quadro se desfruta!
Donas de casa, criadas de servir...
Esta compra hortaliça, aquela fruta,
uma outra um bom peru, sem discutir.

A freima dos negócios — dura luta! —
num baixo realismo vem cair;
as regateiras, em feroz disputa,
soltam a língua, fazem-nos fugir!

A batata da Póvoa, e o bacalhau
que, êste ano, além de pouco, é caro e mau,
sofrem tenaz, encarniçado assalto.

Há cravos brancos sôbre tabuleiros...
E nas lojas de certos toucinheiros,
porcos a bamboar, pernis ao alto!

1941.

AS TÍLIAS DA «BATALHA»

SEMPRE que posso, como velho amigo,
falar com elas venho;
é um costume antigo
que mostra bem o afecto que lhes tenho.

A dois passos ou três da minha rua,
(embora um pouco mal vejo-as de lá)
a cidade me tornam menos crua;
onde árvores houver sorrisos há!

Em braçadas de côr, filas harmónicas,
dão-me a visão poética dos bosques,
não obstante as «cabines» telefónicas
que eu vejo agora ao lado dos quiosques!

Já nos seus ramos, com festivo adôrno,
a delicada e pura flor assoma...
E elas sorriem, espalhando em tôrno,
seu capitoso, perturbante aroma.

Mas, que tristeza! Há gente indiferente
aos seus encantos! Vejo-a transitar
para os cinemas ou cafés em frente
sem lhes volver, sequer, um leve olhar!

As minhas tílias! Que frescura e graça!
Deus as conserve e guarde.
São a umbela da praça
nas fogueiras da tarde!

DOS JARDINS DO «PALÁCIO»

QUE païsagem bizarra!
Tento pintá-la e não encontro tintas:
pinhais e campos; fábricas e quintas;
o rio, às curvas; lá ao fundo a barra...

E a minha vista segue o seu caminho
nesta tarde de Março alegre e pura...
Por entre manchas fortes de verdura,
casinhas brancas, armazéns de vinho

— dêsse vinho precioso,
rico, côr de ouro,
que brota, abençoado e generoso,
das velhas cêpas do famoso Douro!

À minha frente — pinto-o de relance —
Candal, com êsses ares tão ufanos
de quem deu a Camilo um bom romance
há velhos anos.

Mais para a esquerda,
com sua branca igreja a rebrilhar,
(de inspirados pincéis eu sinto a perda!)
a Serra do Pilar;
e, rematando o quadro esplendoroso,
a ponte, à luz do sol que já desmaia,
unindo, num abraço vigoroso,
o Pôrto a Gaia...

1942.

LAUS DEO.

ÍNDICE

I — PENUMBRA: Págs.

Prelúdio 13
O rio e a saüdade 15
Vida nova 17
Mágoas de poeta 21
Vivendo e morrendo 23
Trindade amada 25
Verdade eterna 26
Fim duma camélia 27
Quadras soltas 29
Sinfonia dolorosa 33
Sonhos de avô 37
Desenganos da vida 41
O que nos diz a água 43
Guerra maldita 46

II — CANTICOS:

D. António Barroso 51
Cruz Vermelha! 53
Bucólica de Maio 56
Moreno 59
Sol de Junho 60

Págs.

Sonho pagão 62
A caminho da feira 64
Remando... 68
Canção das máquinas 70
História Pátria 73
Homenagem 75
O salgueiro amoroso 79
Brasil! 81
Sol que morre... 85
Oração à Natureza 87
O busto de meu Pai 89
Olhando para Lemenhe 91
Viatodos 93
Hino a Barcelos 95

III — SONETOS A PORTUGAL:

I 99
II 101
III 103
IV 105
V 107
VI 109

IV — TELAS DO PÔRTO:

A minha rua em dia de chuva 113
Velhas ruas da Sé 117
Casas de Miragaia 121
Os cauteleiros 123
A Ribeira em tarde de sol 125
Mercado do Anjo 127
As tílias da «Batalha» 129
Dos jardins do «Palácio» 131

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ÊSTE LIVRO NO DIA 21
DE MAIO DE 1942, NAS
GRANDES OFICINAS GRÁFI-
CAS «MINERVA», DE VILA
NOVA DE FAMALICÃO

biblioteca
municipal
barcelos
5198
Penumbra